

O imaginário do bloco H do curso de História da UFU: a poética de transformação do ser

*Tadeu Pereira dos Santos*¹

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Uberlândia/bolsista Capes. Tem realizado pesquisa nas áreas de cidade, memória e biografia e participa das atividades desenvolvidas pelo laboratório de Pesquisa em Cultura Popular & Vídeo Documentário coordenado pela Professora Dra. Maria Clara Tomaz Machado.

A poética de transformação da vida simboliza os 50 anos dos Cursos de História da Universidade Federal de Uberlândia. O lembrar e o repensar, o fazer dos discentes, técnicos e professores do Instituto de História se compõem num fluido socialmente constituído. O processo histórico de formação dos cursos foi marcado por constantes desafios, gerados no seio da sociedade. Assim, temos um ambiente pautado por reflexões da comunidade historiadora no âmbito das salas de aulas que se espraia pela comunidade de maneira geral.

É uma arte do diálogo, do convencimento e de intervenção social. O despertar para o ingresso nos Cursos de História decorre do intrínseco diálogo com a sociedade via professores, as produções acadêmicas e as atividades de extensões. Por isso, a data celebrativa, 50 anos de História, constitui-se uma arte de pensar a transformação, a constituição de novas realidades sociais, ou seja, novas vidas, novos profissionais.

Os diversos modos que despertam interesses em ser professor de História, ao meu ver, resultam de intervenções do já constituído “mestre do saber” que tem início nas salas de aulas. O encantamento, a inquietação, a provocação e, sobretudo, a beleza, registraram de forma indelével o caráter político e social da História, marcado também pelo horizonte poético. Contudo, os historiadores estão, quase sempre, na contramão das injustiças sociais e se fazem “profe-

tas” dos presságios por uma sociedade mais justa e igualitária.

Tais aspectos caracterizam minha formação pessoal, cujas recordações decorrem do meu fazer e refazer social, na medida em que me vejo como parte desse enredo, num coro compartilhado por outros em plurais tempos que significam ou simbolizam a referida data.

O ato de vinculação ao bloco H, na atualidade, entrecruza-se à experiências de discentes da Graduação, de ex-alunos dos referidos cursos, agora, presentes nos Programas de Pós-Graduação ou agregados a outras instituições como profissionais que compõe o universo dos estudos acadêmicos no país. Em sua maioria, os alunos da Pós-Graduação, na qualidade de professores, se fazem presentes em diversas instituições de Ensino Federais, Estaduais, Municipais ou Privadas.

Circulando pelos espaços do Bloco H e, sendo aluno do Doutorado em História, tenho a oportunidade de reencontrar e conhecer pessoas, cujas trajetórias têm como ponto comum o referido *locus* para processar suas lembranças nesses longos e saudosos 50 anos dos Cursos de Graduação em Licenciatura e Bacharelado em História.

Encontrar e reencontrar qualifica a contínua transformação social, cultivando em seus agentes sonhos, esperanças que despertam em outros o desejo de também fazer parte dessa permanente transformação social.

Parte do corpo docente da Pós-Graduação forma alunos que buscam

qualificar-se para aprimorar a prática social, embora sejam professores e pesquisadores desenvolvendo papéis de agentes *da e para* as mudanças em diversos espaços da sociedade.

A minha vivência em Uberlândia soma-se 14 anos, dos quais 13, aproximadamente, em contato direto com o Bloco H, seja na condição de aluno, integrado ao Núcleo de Pesquisa em Cultura Popular POPULIS, Imagem e Som e, posteriormente, no Laboratório de Ensino e Pesquisa em Cultura Popular e Vídeo Documentário DOCPOP, ou por meio da minha prática educativa em sala de aula, tendo a oportunidade de receber estagiários nas escolas em que lecionei.

É impossível precisar a significativa importância dos 50 anos dos Cursos de História para a sociedade local e regional, mas como alguém, nascido em outra região do Estado, posso afirmar como fundamental possibilidade em minha vida, sobretudo, no que tange à minha sólida formação, tanto profissional e pessoal. Previamente a meu ingresso no Curso de História, idealizava simplesmente tornar-me professor já que, oriundo de Almenara-MG, uma cidade pequena, para cá me deslocava em busca de trabalho e estudo. Neste sentido, eu não tinha a menor noção do que seria estar em um curso de graduação numa Universidade Federal.

Enquanto aluno, minhas recordações se materializam sublinhando os lugares e os elementos que me pro-

porcionaram a referida formação. Pude interagir de plurais modos com o Bloco H. Os laboratórios², os núcleos, o Centro Acadêmico (CA), as diversas salas de aula e de reuniões e, sobretudo, o corredor, a biblioteca e os arquivos constituíram-se em espaços formativos que, entrelaçados a outros espaços da Universidade, assim, como à dinâmica dos bares e das repúblicas de estudantes foram, paulatinamente, dinamizando a minha formação num movimento relacional com outros colegas.

O meu ingresso no Curso ocorreu em 2001 via vestibular. Enquanto outros também o fizeram pelo Programa de Ação Afirmativa de Ingresso Superior (PAAES). Enquanto os ingressantes pelo processo regular seletivo se encontravam na faixa etária de 25 anos, os do PAAES, ao contrário, eram mais jovens com 17 ou 18 anos.

À época, o curso noturno era composto por trabalhadores de diversos setores da sociedade. Este cenário discente, a partir de então, passava a dimensionar o que viria a constituir o corpo discente dos diversos cursos da universidade. Os olhares se estranhavam, a desconfiança marcava a subida da escada do bloco H. Estavam todos acuados, com medo dos trotes e ansiavam pelo contato com os outros colegas da turma e em conhecer os

² À época, localizava-se um laboratório no espaço destinado ao Curso de Geografia, em que também era freqüentado pelos alunos dos Cursos de História e dos demais. Isto é, realizávamos diversas atividades neste espaço, quando os professores de geografia não ministravam suas aulas.

professores.

A primeira semana foi marcada pela recepção realizada por veteranos, cujas atividades consistiram em nos mostrar a funcionalidade do curso. Lembro-me que as atividades acadêmicas ficaram a cargo dos Pós-Graduandos com visita ao Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), Biblioteca, atividades culturais e trote educativo desenvolvido pelo Diretório Acadêmico (DA).

Daquela semana duas coisas ficaram registradas em minha memória: a primeira, a ideia de pesquisa, pois acreditava que o curso se restringia à formação docente. Já a segunda, que as atividades desenvolvidas pelo DA, destacando, sobretudo, o uso do corredor, tanto para realização cultural quanto política. Mesmo no plano da gastronomia, ocorreu um movimento que buscou a integração dos calouros que chegavam ao curso junto aos veteranos, com a realização de momentos musicais (cantorias) e distribuição de vinho e queijo para degustação.

Desse modo, o corredor teve um significativo papel em nossas formações, como espaço de lazer, formação política, estreitamento de laços, conversas e fofocas. Enfim, era um dos *locus* de dinamização das atividades discentes, entrelaçando a dinâmica das salas e os encontros no DA. Entre o vai e vem das salas ao corredor se incrustava o Diretório Acadêmico, no qual os diálogos transcorriam em meio aos debates políticos e ao ato em se assistir

televisão. Em minha formação, o Centro Acadêmico (CA), ocupa um lugar singular, pois foi a partir do contato com o mesmo que descobri que poderia tornar-me um pesquisador.

Na ocasião em que entrei no Curso, a representação estudantil era o Diretório Acadêmico (DA), eleito com uma diretoria de seis integrantes que, ao final se restringiam, ao mesmo tempo, em que consistia unânime discordância entre os plurais grupos políticos.

A partir de então, teve início o processo que transformaria o DA em CA³. Tal momento oportunizou-me ter contato com diferentes alunos de vários períodos do curso. Integrei-me com os mesmos, o que me possibilitou acessibilidade às diversas atividades desenvolvidas na Universidade, sobretudo, voltadas à pesquisa na graduação.

O meu cotidiano movia-se do trabalho ao espaço da sala de aula, interligando-se às atividades acadêmicas mediadas pelo DA, e, antes de tudo, no esforço de elaboração do Estatuto que o transformasse em CA, em reuniões realizadas aos sábados no Jambolão.⁴ Considerando que o trabalho roubava-me o tempo para estudar e, ouvindo os colegas mencionando as possibilidades de monitoria, estágio, iniciação cien-

³ Acredito que a mudança ocorreu entre os anos de 2002 a 2003.

⁴ É uma árvore localizada ao fundo do Bloco H, onde atualmente é comum a ocorrência de diversas atividades culturais reunindo alunos dos mais variados cursos da universidade. Embora, atribuía-se o espaço aos alunos das Ciências Humanas, sobretudo, aos dos cursos de Artes, História, Geografia e Ciências Sociais.

tífica, bolsa de estudos, cada dia mais despertei minha curiosidade e passei a inteirar-me sobre tais possibilidades.

Atento aos conselhos dos mais experientes, busquei alternativas que possibilitassem dedicar-me aos estudos. A minha primeira experiência como bolsista no curso foi como monitor. À época, os alunos eram selecionados para desenvolverem atividades vinculadas aos professores. No entanto, posteriormente eram deslocados para o CDHIS, para suprir a carência de funcionários. Lá catalogávamos, organizávamos, atendimentos público, e para além disso, tínhamos os nossos primeiros contatos com os documentos.

O envolvimento com todo esse universo, sempre dinamizado pelo Curso de História, aguçava o meu desejo de fazer pesquisa, pois descobri que poderia aliar docência à pesquisa. O contato com o CDHIS levou-me a perceber o curso, a partir de uma dinâmica de núcleos de pesquisas como Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa Sobre Mulher (NEGUEM) e o Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC), espaços em que os alunos desenvolviam pesquisas. Ao poucos, fui descobrindo que outros professores desenvolviam pesquisas para além destes.

Ao mesmo tempo em que despertava meu interesse pela pesquisa, a ideia de escrever uma monografia assombrava-me, mesmo estando no segundo período do curso, já que essa palavra era corrente entre as pessoas com as quais convivía. Passei a querer

saber como poderia obter uma Bolsa de Iniciação Científica, pois pelos comentários que escutava, tais bolsas eram destinadas a uma pequena parcela de discentes considerada uma espécie de “elite do curso”, já que, num universo de 500 alunos, apenas 15 alunos obtinham bolsas, muito em função do pequeno número oferecido pelos órgãos de fomento, tais como CAPES, FAPEMIG e CNPQ.

Considerando as sugestões, busquei informações na Diretoria de Pesquisa e passei a considerar os elementos presentes do edital para que eu pudesse me inscrever no processo. Todavia, fazia-se necessário ter um projeto de pesquisa e estar vinculado a um professor. Várias ideias surgiram para construir o referido projeto, no entanto, esbarrava em ter acesso às fontes de pesquisa, o que impossibilitava sonhar com a concretização do mesmo.

Incentivado por alguns colegas e professores do curso, continuei minha busca. Um episódio ocorrido em meados de 2002, definiu minha relação com a pesquisa. Tal experiência relaciona-se, entre outros fatores, ao racismo, prática preconceituosa da qual fui vítima algumas vezes, no Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia. Vez ou outra, ao ser abordado pelos vigilantes da referida instituição que, em seu trabalho, levam em consideração (na maioria das vezes) o estereótipo das pessoas na tentativa de encontrar “os maus elementos”, fui vítima de constrangimentos que, via

de regra, advinham de minha condição social. Em outras oportunidades, pude perceber o olhar das inúmeras pessoas que, constantemente, perguntavam-me se minha descendência era originária de outro país latino-americano, como Bolívia, Peru ou Chile. Daí decorreu a escolha em pesquisar a vida e obra de Sebastião Prata, mais conhecido como Grande Otelo.

Ressalto que o espaço da sala de aula no curso, assumiu uma grande relevância na consolidação do meu percurso, na medida em que, além das discussões, permitiu-me amadurecer teórica e cientificamente. Ao longo do curso, diversas foram as práticas desenvolvidas em sala de aula pelos professores, cujo aprimoramento preconizava textos e, principalmente debates político-sociais. Suas posturas políticas eram manifestas pelas escolhas do material utilizado e o direcionamento nas aulas, ou seja, suas condutas não apenas diziam deles como profissionais, mas enquanto indivíduos além da academia.

Serviam de inspiração ao desejo de transformação social por suas condutas ou práticas que passavam a ser objeto de discussões políticas e focas nos corredores e mesas de botecos. As práticas desenvolvidas pelos mesmos, enquanto modelos de inspiração, também contribuíram na formação de agentes transformadores, a partir do melhor ofertado por eles e da rejeição ao que repudiamos de suas ações.

Geralmente, as atividades desenvolvidas com caráter acadêmico se en-

trecruzam à pesquisa, relacionando-se ao cultural da universidade nos diálogos em bares que a circundavam. Tornando-me bolsista de iniciação científica, passei a frequentar o CDHIS e o espaço do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, bem como a participar de reuniões do POPULIS.

Ao longo de quase 7 anos, intercalei atividades acadêmicas com a busca documental nos referidos espaços, em que conheci outros estudantes, movidos por iniciações científicas ou finalização do curso. Os referidos espaços denotavam a peculiaridade do curso, onde diversas pesquisas assumiam um caráter regionalista com centralidade em Uberlândia.

Em decorrência da infraestrutura do curso e dos recursos disponibilizados pelo governo federal, as atividades de caráter científico eram escassas e contávamos com Semana de História, como uma prática contributiva juntamente com a Semana dos Professores desenvolvido pelo Laboratório de Ensino Aprendizagem em História (LEAH) em parceria com o Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais (CEMEPE) como atividades que somavam à nossa formação acadêmica.

Outro aspecto considerável se deu com a ampla mobilização estudantil por melhorias do ensino, pela ampliação do Restaurante Universitário, pela construção da Moradia Estudantil, na luta política contra o Neoliberalismo, dinamizando a vida cultural e política na instituição.

A nossa participação em eventos realizados fora da universidade estava atrelada aos Encontros Regionais ou Nacionais de História dos estudantes de História. Embora houvesse com discordância entre os alunos à época, era assegurado o ônibus para a participação na ANPHUH, em sua maioria, para professores e alunos bolsistas, enquanto que, para os demais eventos eram mais difíceis. Próximo a tais eventos, os CA, os corredores e as salas de aula tornavam-se palcos de discussões políticas, também para assegurar a participação dos alunos, em especial, no Encontro Nacional dos Estudantes que ocorria simultaneamente. Nos referidos eventos podíamos trocar experiências, valorizávamos os mini-cursos, as apresentações dos trabalhos e explorávamos a vida cultural das respectivas localidades onde tais eventos aconteciam.

A participação do Curso de História nos Encontros Regionais era constante e expressiva, constituindo-nos na maior delegação. As viagens do curso se restringiam a esses eventos e, raramente eram desenvolvidos trabalhos de campo, já que eram poucos os docentes efetivos ou substitutos que poderiam levar adiante tais ações. Lembro-me que, no primeiro período, tínhamos dois professores efetivos e três substitutos, os quais, na maioria das vezes, tinham que estudar o conteúdo ao longo da disciplina s ser ministrado. Ressalto ainda que, no período entre 2001 a 2006, houveram poucos concursos para efe-

tivação, sendo o professor substituto constante e rotativo.

Embora, as adversidades fossem muitas e os desafios ainda maiores, a luta era uma constante. À época, as pessoas disseram que a abertura do curso de mestrado se tornaria um complicador devido à carência de professores que, por força daquela possível nova conjuntura, teriam que lecionar em ambos os níveis (graduação e pós-graduação). Apesar de comprometidos com o mestrado, a graduação sempre ocupou maior preocupação, já que era essencial à qualidade para o Mestrado.

Afirmo que diversos professores substitutos eram ex-alunos do curso de História e faziam Mestrado em instituições paulistas, especificamente, PUC/SP e USP, a exemplo da professora Maria Andrea Angelotti, Ana Magna Couto e Aguinaldo Rodrigues. Lembro-me que a minha primeira aula foi de História Medieval, a qual foi ministrada pela professora Maria Andrea, substituta, mestranda na PUC/SP.

Na minha leitura, a partir da implementação do Mestrado, a pesquisa no curso de História, passou a ocupar a centralidade e as preocupações do Instituto. Antes quando, o currículo anterior, priorizava o bacharelado em detrimento da licenciatura, era possível ser bacharel, sem licenciatura; o contrário, não. Tínhamos um curso direcionado para o bacharelado, na medida em que os professores preocupavam-se em formar docentes pesquisadores. Desse modo, concentravam-se as atividades

de licenciatura apenas no último ano de graduação.

A interação proporcionava uma formação participativa, na medida em que atuamos extra-sala de aula, no centro acadêmico e colegiado. Recordo-me que, a paridade dos alunos no colegiado, era vista como uma conquista dos alunos que me precederam. Desta forma, defendíamos com garra as conquistas alcançadas, já que a nossa presença naquele espaço não somente qualificava as discussões para o melhoramento do curso como, também, dimensionava os rumos das práticas a serem desenvolvidas pelos professores e alunos.

Lutava-se pela ampliação dos nossos espaços tanto no curso quanto na universidade, na medida em que nos fazíamos presentes nos diversos fóruns de discussões, desde o Diretório Central dos Estudantes, até a presença no CONSUN, CONDIR, dentre outros. Internamente, os professores aspiravam pelo aprimoramento da graduação e pela ampliação do mestrado. Daí, seus esforços se voltarem para a qualificação dos colegas e alcance de recursos que possibilitassem ampliação das bolsas.

Enquanto aluno da graduação, o Mestrado em História constituía-se no objeto de desejo dos estudantes, tornando-se alvo de disputas entre os bolsistas de iniciação científica, pois que o número de vagas era inferior à demanda. Até o ano de 2006, as bolsas de pesquisa eram distribuídas considerando a produção acadêmica dos discentes e, neste sentido, na maioria das vezes,

eram concedidas aos da Linha História e Cultura.

Tal realidade não proporcionava o desenvolvimento equitativo das três linhas de pesquisa integrante do Programa de Pós-Graduação de História da UFU, e os alunos bolsistas acreditavam desenvolver trabalhos mais substanciais. Na minha leitura, à época, os professores ensinavam o doutorado e, neste sentido, num diálogo movido pelos alunos, travaram discussões políticas na sala 1H68 para repensar a distribuição das bolsas. Ocorre a descentralização das mesmas desconsiderando apenas a produção acadêmica (meritório) e adotando bases para novos critérios, permitiu-se uma distribuição igualitária entre as linhas por mérito e condição social.

Finalizei a Graduação em 2005 e ingressei no Mestrado em 2007. Participei da distribuição de bolsas, cujas regras baseavam-se nos novos critérios. Entre a conclusão do curso e o meu ingresso, pude acompanhar em 2006, a instalação do Curso de Doutorado em História.

Novamente a oportunidade de ter uma bolsa de estudos, oportunizou-me desenvolver atividades com qualidade, que me permitiu o envolvimento com o Programa de Pós-Graduação, participando não apenas das aulas, mas de atividades e eventos científicos. Sem querer equalizar, faz-se necessário apontar que a realidade acadêmica dos Cursos de História, assume outro caráter, a partir de 2009, já que até 2006,

encontrava sucateada. Além da mudança curricular, ampliação e mudança de perfil dos estudantes.

Soma-se a isto a nova configuração do corpo docente do Instituto de História já que, em decorrência da ampliação dos cursos de Mestrado e Doutorado, se fez necessária à abertura de concurso público, o que pude presenciar em 2008, para contratação de oito novos professores, havendo outros posteriormente.

Finalizando o Mestrado em 2009, exerci o ofício de professor até 2012, na rede Estadual de Ensino Público do Estado de Minas Gerais, quando então, ingressei no Doutorado em História. O crescimento dos Cursos de História proporcionou também criação de novos núcleos (NUPECITH, DOCPOP e a reabertura do LEAH⁵), bem como uma reestruturação do espaço físico do Blo-

co H para alocação dos novos docentes e núcleo, consistindo numa burocratização do referido espaço. Assim, deu-se início a um processo de distanciamento entre os dos alunos, levando uma fragmentação ou desarticulação das atividades culturais e políticas.

Embora, a presença dos alunos no Bloco seja motivada pela ida a secretaria e ao CA (Sala 1H46), torna-se relevante ressaltar que a integração dos alunos, na atualidade, tem sido dinamizadas por outras ferramentas, já que o deslocamento das aulas para outros blocos promoveu um esvaziamento à vitalidade que conferia sentido político àquele espaço, a interligação entre as salas de aulas, o corredor e o CA.

Refiro à secretaria destacando o papel dos técnicos administrativos que, ao longo dos referidos 50 anos, além de organizar e dinamizar a estrutura interna dos Cursos de História, tornaram-se facilitadores da vida de professores e alunos pela qualidade do atendimento dispensado. Tal processo e a afirmação da internet têm oportunizado a criação de comunidades, tornado-se os novos fóruns de discussões políticas. Ressalto que sempre mantive contato com o POPULIS e, posteriormente com o DOCPOP, espaços que me permitiram não somente participar de outros projetos pesquisa, mas desenvolver a minha própria.

O ato de recordar a minha trajetória só tem sentido na medida em que percebo qual é a importância e os significado dos 50 anos dos Cursos de His-

⁵ A sua criação ocorreu em 1982 e permaneceu aberto ao público até meados de 2006, servindo a atividades de cunhos pedagógicos aos alunos do curso de licenciatura, na medida em que dinamizava as práticas pedagógicas de ensino. Por volta de 2001 a 2005, as atividades desenvolvidas pelo laboratório estavam sobre responsabilidade das professoras que ministravam as disciplinas Práticas de Ensino ofertadas aos alunos no final do curso e pelo historiador João Natal Greco. Com a aposentadoria do mesmo e da professora Giselda Simoni o laboratório acabou sendo desativado, embora, as referidas práticas tenham sido continuadas a serem realizadas por outros professores. Se o laboratório deixava de ser uma referência para a licenciatura, devido a sua importância foi reativado novamente em 2011, tendo em para sua direção a professora Mara Regina Nascimento que atualmente desenvolve diversos projetos conjuntamente com outros professores visando o melhoramento não somente da formação dos alunos dos cursos de história, mas contribuir na formação continuada dos ex-alunos e professores das Redes Municipal e Estadual de ensino em Uberlândia.

tória, não somente na minha formação, mas na dos diversos sujeitos sociais que fizeram, fazem e farão parte desse ofício. Fiz-me profissional e sujeito no âmbito dessa história, aproveitando o ofertado de plurais formas. Em suma, o Bloco H, enquanto lugar de memória, pluraliza o recordar dos alunos, arguidos por reflexões, interliga-se a técnicos e professores que compõem o enredo dessa História. Sua arte de transformar se faz sempre fluida, no processo social, em cujos desafios ávidos por transformar professores pesquisadores e também nos transformam pela ação em seus espaços de atuação.